

*Na freguesia da Maia, na Ribeira Grande*

# Obras realizadas no pontão leva pescadores a mudarem-se para o Porto Formoso

POR RITA FRIAS

Um muro construído há vários anos e que protegia as embarcações do mar, por antigos pescadores, “o senhor Feleja da Maia, um grande pescador”, na freguesia da Maia, viria a ser destruído. O propósito consistiu para que no seu lugar fosse construído um paredão.

Há mais de 30 anos, antigos pescadores “projectaram a rampa e construíram aquele muro à esquerda. Este que lá estava, não era grande, mas tinha um grande benefício: aguentava a ondulação que vinha pelo norte e pelo noroeste que entrava ali. Para além disso, aguentava também a areia que abancava ali e não saía. Ajudava nesse aspecto para a praia”, explica Pedro Pacheco, proprietário de uma microempresa de turismo desde 2016.

“Mas houve alguém que teve a magnífica ideia de retirar aquele muro e colocar um enorme paredão. Isso veio prejudicar o nosso portinho e consequentemente já se tornava muito difícil colocar e tirar os barcos da água. A ondulação ali tornava-se muito incomodativa.” Para Pedro Pacheco, que também é pescador profissional, e para muitos outros pescadores, a situação tornou-se assim mais constrangida visto que foram “obrigados” a mudar-se para o porto do Porto Formoso. “Há mais gastos de combustível, tanto por terra como pelo mar. Ali na Maia, estava tudo perto. Quando era necessário ver as condições do mar ou do barco, era só deslocar até ali. Além disso, os sítios em que costumam pescar, ficam mais localizados para os lados do Nordeste”, acrescenta o proprietário, referindo que assim leva muito mais tempo de viagem.

Sobre a construção feita, a opinião parece ser geral. “Quase todos os pescadores [da Maia] têm a mesma opinião. Aquele muro ali não veio beneficiar ninguém. Podia ter sido feito um pequeno paredão com menos de 1 metro de largura e 2 metros de altura”, algo que foi feito aquando do tempo de Afonso Quental na Junta de Freguesia da Maia. “Fez-se a rampa e o paredão que bastou para que não houvesse mais erosão da costa numa certa parte e fazia-se o mesmo para a zona em questão. Evitava-se grandes gastos de dinheiro. Foi uma obra que envolveu muito dinheiro para colocar aquelas pedras ali. Um exagero.”

Perante esta construção, apenas



Calhau da Areia – Maia/Antigo Porto de Pesca antes das obras, com o pequeno muro construído há mais de 30 anos por antigos pescadores



Calhau da Areia – Maia/Antigo Porto de Pesca com o paredão actual que veio dificultar a entrada e a saída das embarcações

persistem 2 ou 3 pequenos barcos quando antes da obra em questão, cerca de uma dezena. “Muitos foram-se mudando. Eu é que fui o resistente, o último a sair do porto [da Maia]. Mas tive que sair, se não ia inquietar-me. Estava muito complicado continuar ali.” Mesmo com o mar em boas condições, Pedro Pacheco revela que por vezes não era possível tirar o barco. “As ondas a rebentar ali na beira e é complicado, mesmo uma pessoa es-

tando sozinha, embarcar ou sair com pessoas daquele porto. Muita vez, tinha que sair com o tempo contado para sair e voltar para não ondulação que dificultasse. Era uma vergonha para mim e para os turistas. A par disso, estava a perder muito dinheiro nisso também.”

**Uma freguesia virada  
para o mar “sem porto”**

*“O nosso presidente da junta deveria ter o nosso porto mais em conta.*

*Poderia, também, ter falado com o pessoal que já anda no mar há anos (...) A Praia da Maia também ficou prejudicada. A ondulação leva a areia quase toda para fora, traz lixo e este fica ali abancado. Antes, isso não acontecia. O mar tratava de limpar a baía”*

Relativamente ao local actual onde se encontra a sua embarcação, bem como de outros proprietários, Pedro Pacheco explica que “o Porto Formoso tem bastantes condições, mas podiam ter projectado ali [na Maia] qualquer coisa sem grandes custos que beneficiasse a todos e não só aquelas casas de proprietários que têm alguma influência.”

Perante a construção, a população sempre esteve contra, mas nunca foi ouvida, principalmente quem frequentava o porto. “O nosso presidente da junta deveria ter o nosso porto mais em conta. Poderia, também, ter falado com o pessoal que já anda no mar há anos”, acrescenta Pedro Pacheco, nomeadamente saber o que poderia ter sido feito para não prejudicar todos. Já tendo vida no mar há praticamente metade da sua vida, admite “que é triste ter que sair de lá. Nunca houve ninguém que se interessasse em falar com os pescadores da Maia. A Praia da Maia também ficou prejudicada. A ondulação leva a areia quase toda para fora, traz lixo e este fica ali abancado. Antes, isso não acontecia. O mar tratava de limpar a baía. Agora, a praia está à mercê da natureza”. Uma freguesia que sempre esteve virada para o mar, “a Maia merecia mais atenção neste aspecto”, frisa Pedro Pacheco.

De acordo com o que foi relatado, esteticamente e ambientalmente, a zona do pontão da Maia piorou, tendo beneficiado proprietários de algumas habitações junto ao porto.